

## O CICLO DE VIDA DO SUBGÊNERO CINEMATOGRAFICO DRAMA HISTÓRICO/ÉPICO SOBRE ESCRAVIDÃO ESTADUNIDENSE.

Rafaela Mendes da Silva\*

### Resumo:

O presente trabalho objetivou fazer um estudo sobre gênero cinematográfico. Estudo realizado á partir da análise de filmes sobre um dos períodos mais marcantes da história dos Estados Unidos: a escravidão. “O cinema é uma arte viva - tudo nele tem um ciclo natural - e, como ele seus gêneros” (BAHIANA, 2012, p. 131). Desse modo, foi explicado como se deu o ciclo de vida do subgênero cinematográfico drama histórico/épico sobre escravidão estadunidense, subgênero que os filmes estudados se enquadram. Para tanto foram utilizadas as definições e as fases de gênero cinematográfico propostas por Ana Maria Bahiana. Segundo ela, “um ciclo aproximado de vida de um gênero é enunciação, solidificação, apogeu, fórmula, dissolução/desconstrução/crítica e retomada/hibridização” (BAHIANA, 2012: p.131). Cada fase é marcada por um ou mais filmes. Estas fases possuem características distintas, devido os elementos usados nas produções, bem como as reestruturações desses elementos ao longo do ciclo e a resposta do publico ás produções. Assim vamos ter o filme *O Nascimento de uma nação* (GRIFFITH, EUA/1915) que abriu o subgênero com a fase da enunciação; *E o vento levou* (FLEMING, EUA/1939), que se enquadrou na fase da solidificação; *A Cor Púrpura* (SPIELBERG, EUA/1985) e *Tempo de Glória* (ZWICK, EUA/1989), da fase do apogeu; *Amistad* (SPIELBERG, EUA/1997) e *Lincoln* (SPIELBERG, EUA/2012), que se encontraram na fase da fórmula; *12 Anos de Escravidão* (MCQUEEN, EUA/2013) na fase da dissolução/desconstrução/crítica e *Django Livre* (TARANTINO, EUA/2012), que pode ser colocado na fase da retomada/hibridização/sátira.

**Palavras chave:** Escravidão americana. Fases. Drama histórico.

### Abstract:

This work aimed to make a study of film genre. Study from the analysis of films about one of the defining periods of American history: slavery. "The theater is a living art - it all has a natural cycle - and how it their genders" (BAHIANA, 2012, p.131). Thus, it was explained how was the life cycle of the cinematic subgenre historical / epic drama about American slavery, studied film subgenre that fall. For both settings and phases of film genre proposed by Ana Maria Bahia were used. According to her, "an approximate life cycle of a genre is enunciation, solidification, apogee, formula, dissolution / deconstruction / critique resumes and / hybridization" (BAHIANA, 2012: p.131). Each phase is characterized by one or more films. These phases have different characteristics due the elements used in the productions, as well as the restructuring of these elements throughout the cycle and the response of the audience ace productions. Thus we have the film *The Birth of a Nation* (Griffith, USA / 1915) that opened the subgenre with the phase of enunciation; *Gone with the Wind* (FLEMING, USA / 1939) that fitted the phase of solidification; *The Color Purple* (SPIELBERG, USA / 1985) and *Glory* (ZWICK, USA / 1989), the phase of the peak; *Amistad* (SPIELBERG, USA / 1997) and *Lincoln* (SPIELBERG, USA / 2012), who met at the stage of the formula; *12 Years a Slave* (MCQUEEN, USA / 2013) at the stage of dissolution / deconstruction / critique and *Django Unchained* (TARANTINO, USA / 2012), which can be placed on the stage of recovery / hybridization / satire.

**Keywords:** American Slavery. Phases. Historical drama.

### Introdução

Este trabalho pretende fazer um apanhado sobre o ciclo de vida de um subgênero cinematográfico. O subgênero drama histórico/épico sobre escravidão estadunidense, em vista das diversas produções americanas que abordam o tema da escravidão. Vê esses filmes como representações de um período é ter em vista o subgênero supracitado.

Pensar o subgênero como algo fluído, que passa por modificações, nos leva a pensar em um ciclo de vida. Essa ideia de ciclo é pensada por Ana Maria Bahiana. Assim faremos um esquema para entender a fluidez de um gênero e como ele pode se manifestar de acordo com as impressões do público e os resultados que ele traz para o cinema. A cada filme, é analisado o seu enfoque e como se apresenta para o gênero, levando-se em consideração o fluir dos tempos e que cada produção agrega novos elementos e/ou investe na repetição de alguns.

Antes de pensar em um ciclo de vida de gênero ou de subgênero, devemos entender o que é um gênero, o que é um subgênero. Assim dialogamos com Luís Nogueira, que propõe uma explanação do que são os gêneros e como podemos identifica-los. Tendo ideia do que se trata um gênero cinematográfico, vamos tomando consciência de que este passa por fases, essas fases propostas por Bahiana são, cada uma, ponto referencial para percebemos que o gênero está em um momento diferente.

Tratando-se de drama, a escravidão torna-se um prato cheio. A escravidão foi um fenômeno social e econômico de envergadura emocional, por mostrar violência física e psicológica com suas vítimas. Observando esse período na ótica dos filmes, podemos entender um pouco da dimensão que foi esse período da história. A escravidão estadunidense é vista no cinema com a questão norte e sul e a Guerra de Secessão. Esses acontecimentos adaptados a um roteiro de cinema em um gênero cinematográfico como o drama, traz diversas discursões. Aqui cabe dar espaço a discursão do ciclo de vida desse gênero específico.

Nessa discursão, veremos que não foi de início que o escravo aparece como protagonista, ou como assunto principal de um longa metragem, assim constatados nos filmes da primeira e segunda fase do ciclo de vida do subgênero (enunciação e solidificação), foi a partir da fase apogeu em diante que se teve a presença do escravo como assunto principal da trama. Essa observação torna-se referencial para entendermos como o subgênero em estudo é visto a cada fase.

### **Pensando gênero e subgênero cinematográfico**

Ao assistirmos um filme, sabemos previamente á que gênero ele pertence, mesmo que não tenhamos visto no cartaz de anúncio do filme ou na capa do DVD. Isso porque já temos estabelecido em nossas cabeças quais características, um determinado gênero precisa para ser chamado de drama, comédia ou ficção científica. Reconhecer um gênero parece ser simples, mas quando levamos em consideração a sua história e nos indagamos mais profundamente, surgem dúvidas do tipo: o que realmente define um gênero? Porque, às vezes, um filme parece ter mais de um gênero?

Os gêneros possuem uma história, um ciclo de vida. A cada momento diferente da vida de determinado gênero existe um grupo de características diferentes que o alocam em uma fase diferente. O que nos permite pensar na agregação de características de outros gêneros a um determinado gênero, “estando a delimitação e a caracterização dos gêneros sujeitas à constante mutação e hibridação dos mesmos” (NOGUEIRA, 2010, p.3).

. Mesmo que exista essa assimilação de características para identificar um gênero cinematográfico, sempre houve uma discussão sobre como essa identificação poderia acontecer, assim como coloca Bahiana: “Uma forma garantida de provocar a mais acirrada das disputas entre teóricos e cinéfilos em estado agudo é levantar a questão dos gêneros (*genres*)” (BAHIANA, 2012, p. 127). Mesmo que essa discussão nos aponte para interrogações, o que se vem apresentado ao longo da história do cinema, é que os gêneros são pontos essenciais, tanto para uma divisão de categorias de filmes, como para o espectador escolher um gosto, uma preferência por determinada categoria de filmes, ou seja, por determinado gênero.

A questão da origem dos gêneros cinematográficos também provoca dúvida e discussões, isso porque não se trata de uma invenção pronta, foi na verdade, uma espécie de herança.

Herdeiro de muitas formas de expressão anteriores ao seu nascimento, o cinema definiu sua gramática e sua sintaxe tomando emprestados elementos alheios: da literatura — da mais clássica à mais ruela, tragédias gregas, folhetins, gibis — do teatro, das artes plásticas, da fotografia. O cinema se debruçou sobre praticamente todas as facetas da atividade e do sonho humanos, expressando-as em uma profusão de formas (BAHIANA, 2012, p.120).

Com essa influência de outras artes que o cinema sofreu, os gêneros passaram á ser também parte dessa agregação de características. Suas inspirações vieram dos gêneros literários. Assim o gênero cinematográfico tornou-se um código, um conjunto de significados para identificar um filme. Essa agregação de características foi claramente adaptada á sétima arte.

Ainda pensando sobre uma definição para gênero:

(...) podemos afirmar, resumidamente, que um gênero cinematográfico é uma categoria ou tipo de filmes que congrega e descreve obras a partir de marcas de afinidade de diversa ordem, entre as quais as mais determinantes tendem a ser as narrativas ou as temáticas (NOGUEIRA, 2010, p. 3).

Tendo agora, consciência do que é um gênero cinematográfico, podemos pensar em quais são eles. São varios, dentre os considerados clássicos, pode se destacar: drama, comedia, ação/aventura, ficção científica/fantasia e *Thriller*<sup>1</sup>. Em se tratando do drama, gênero de grande significância para o cinema, Nogueira aponta:

Se existe uma qualidade emotiva que o drama procura sublinhar ela é, sem dúvida, a seriedade dos factos. Poderemos, então, afirmar que o seu objecto é o ser humano comum, normal, em situações quotidianas mais ou menos complexas, mas sempre com grandes implicações afectivas ou causadoras de inescapável polémica social. (NOGUEIRA, 2010, p. 23)

O drama, fazendo parte dos gêneros clássicos do cinema, faz se pensar como ele representa para exibição de questões relevantes em sociedade como dilemas morais, que dependendo do período histórico traz discursões diferentes. Assim é fácil associar a representação da escravidão ao drama.

Os gêneros têm subdivisões chamadas de subgêneros. Estes são muitos e importantes para entendermos melhor como funciona a categorização dos filmes em gêneros diferentes.

Uma vez que um subgênero pode constituir-se a partir da comunhão de um conjunto reduzido de características, ou mesmo de uma única e decisiva característica, podemos identificar uma vastidão aparentemente infindável de subgêneros. (NOGUEIRA, 2010, p. 44)

Se um determinado filme apresenta características bem específicas dentro de um gênero ele vai ser alocado em uma subcategoria específica que é o subgênero. Assim temos o gênero drama que dentro de seus diversos subgêneros tem o subgênero drama histórico/épico. Este é caracterizado por “interpretações, frequentemente estilizadas, de fatos e personagens históricos” (BAHIANA, 2012, p. 149). Ao pensar nesse subgênero nós vem à mente varias produções que apresentam um fato histórico importante como, por exemplo, o Nazismo e a escravidão. A escravidão americana seria a qualidade que especifica mais ainda o subgênero, assim podemos supor a existência de um subgênero único que trata sobre escravidão.

---

<sup>1</sup> Gênero que compreende o suspense e terror (BAHIANA, 2012, p. 135).

## O ciclo de vida do subgênero drama histórico/épico sobre escravidão estadunidense

Baiana define um ciclo de vida para os gêneros cinematográficos. Ela faz uma divisão em fases: enunciação, solidificação, apogeu, fórmula, dissolução/desconstrução/crítica e retomada/hibridização/sátira. Enquadrando isso à história do subgênero drama histórico/épico tratando de escravidão nos Estados Unidos, vamos ter uma série de produções que enfocam os aspectos desse período. Algumas tratam o assunto de forma mais direta, já outras usam a escravidão apenas como um elemento do contexto histórico, mas o fato é que houve modificações e uma evolução<sup>2</sup> na presença da escravidão em produções americanas. Desde 1915 até as produções mais atuais percebe-se isso.

Na fase da enunciação, o filme *Nascimento de uma nação* (GRIFFITH, EUA/1915) se torna um clássico do cinema mudo que abre novas portas para a cinematografia americana. Trata de um dos episódios mais marcantes da história dos Estados Unidos, a Guerra de Secessão ou Guerra Civil (1861-1865). A trama retrata a relação entre duas famílias: os Stoneman, nortistas que defendiam o exército da União e os Cameron, sulistas defensores da Confederação. Essa relação é marcada pela guerra que promove profundas modificações na sociedade norte americana. Além da guerra, o filme mostra a morte do presidente americano Abran Liconl em 1865 e a criação da organização Ku Klux Klan<sup>3</sup> no mesmo ano. O filme se tornou famoso também pelo seu teor racista. Os atores que representam os negros escravos estão com o rosto pintado de preto.

“Na enunciação os primeiros elementos são tomados emprestados de outra forma de expressão – literatura, tendências das artes plásticas, outras mídias – e colocados de um modo coerente e sistemático na tela” (BAHIANA, 2012, p. 131). Na película supracitada temos essa característica, pois o filme foi baseado no romance e na peça *The Clansman* (1905), de Thomas Dixon. Desse modo temos uma obra cinematográfica que bebeu elementos da expressão artística Literatura, como também uma película que gerou maior visibilidade para esse período da história americana que foi a Guerra de Secessão.

---

<sup>2</sup> Quando falo em evolução, estou me referindo a presença do escravo com mais destaque em algumas produções do que outras.

<sup>3</sup> Também conhecida como KKK, é um conjunto de organizações racistas americanas que apoiavam a supremacia branca.

Seu impacto foi enorme, um fato social e cultural em 1915. Permaneceu 44 semanas em cartaz em Nova York, tendo sido o primeiro longa projetado na Casa Branca. Foi visto por cerca de 200 milhões de pessoas até 1946 (LITWACK, 1997, p. 136). Conseguiu, portanto, ampliar em muito a repercussão do livro que serviu de inspiração, a saber, *The Clansman* (1905), do reverendo Thomas Dixon Jr. Ao atingir um público bem maior, adaptou as visões expressas pela literatura e pela historiografia ao novo meio de comunicação. (MORETTIN, 2011, p. 169)

Assim, o cinema americano abre um espaço inicial para esse tipo de produção, onde o público entra em primeiro contato e a receptividade parece ter sido positiva em vista a quantidade de pessoas que assistiram ao filme.

Depois do sucesso que foi *Nascimento de uma nação* surge para o público americano *E o vento levou* (FLEMING, EUA/1939). Portanto a fase a qual esse filme se encaixa é a da solidificação, pois o público respondeu bem ao filme anterior, o que fez o gênero de fato solidificar.

Este longa mostra inicialmente a sociedade americana branca carregada de idealizações e a aparente boa relação entre donos e escravos. Isso se deve pelo fato de que o filme não usa a escravidão como tema central, usa-a como pano de fundo juntamente com a questão da Guerra Civil. A região onde se passa a história é o Sul, terra de muito apressado de seus donos, mas que, posteriormente com a guerra, fica em ruínas:

Existia uma terra de cavalheiros e campos de algodão chamada "O Velho Sul". Neste mundo bonito, galanteria era a última palavra. Foi o último lugar que se viu cavalheiros e damas refinadas, senhores e escravos. Procure-a apenas em livros, pois hoje não é mais que um sonho. Uma civilização que o vento levou<sup>4</sup>

Como se observa logo no começo do filme, a ideia de um Sul idealizado era muito forte, mas a visão de uma sociedade americana bela é perdida com a guerra. A presença do escravo ao longo de toda a película é algo integrante da vida no velho Sul, não se podia pensar numa rotina sem eles. Não são vistas cenas de maus tratos com os escravos, parecia haver certa cumplicidade entre dono e cativo. Essa cumplicidade tão forte não se faz presente nas produções futuras. É possível constatar que o cativo ainda não é visto como personagem principal nesse início da construção do ciclo de vida do subgênero drama histórico/épico. A escravidão é um elemento do contexto social da época em que se passa a trama. Os escravos são personagens secundários.

Observando essa história a partir da visão de gênero, trata-se de um drama histórico que traz elementos que o identificam como tal. O drama é vivido pela filha de

---

<sup>4</sup> Trecho narrado na abertura do filme *E o vento levou*.

um fazendeiro dono de escravos, Scarlett O'Hara, que se vê arrasada pelos estragos da guerra e luta por sobrevivência em meio à destruição. Personagem central da história, a mocinha vivia tranquilamente no velho sul até ser afetada pela guerra. Nesse momento se mostra uma mulher de muita coragem ao lutar para continuar vivendo e manter sua terra. Essa ideia de superação e luta está bem presente nos dramas, isso se deve ao que Aristóteles elencou como um dos elementos necessários às tramas dramáticas, e que as produções fílmicas se apropriaram.

É fácil ver, nas elegantes e precisas normas da Poética, o núcleo central de todos os grandes dramas cinematográficos, de... *E o vento levou a Menina de ouro* (Clint Eastwood, 2004) (...) personagens nada comuns, notáveis por sua coragem, ousadia resistência e princípios arriscando suas flechas em alvos constantemente em movimento, para o nosso deleite e aprendizado. (BAHIANA, 2012, p. 145)

Scarlett O'Hara não tem segurança sobre o que vai fazer, mas mesmo assim enfrenta enormes perigos ao atravessar um cenário de guerra. Característica também de um drama bélico, ao qual a película pode ser considerada:

O drama bélico remete necessariamente para circunstâncias de elevada violência como são necessariamente os cenários de guerra ou as suas consequências; perante o inimigo e perante a morte, o indivíduo questiona ou descobre a sua plena e autêntica humanidade (ou a sua ausência). (NOGUEIRA, 2010, p. 24.)

No caso de Scarlett, ela descobriu sua humanidade, ao se preocupar com o outro, mais do que consigo mesma. É importante pensar esse elemento do drama nesse subgênero, porque em geral, o foco da personalidade dos personagens é diferente a cada fase. Enquanto que na segunda fase do ciclo, o que se destaca é a essência humana de uma personagem branca, nas fases futuras, o escravo vai ter sua personalidade em destaque.

O longa metragem se caracterizou como um marco importante para a história do subgênero cinematográfico tratando de escravidão, por ratificar elementos que foram importantes no filme antecedente e usa-los. Tais elementos são a presença forte da idealização das famílias americanas, os sofrimentos pela guerra, a disputa de poder. Tudo isso adaptado á uma trama com traços de romance, podem ser vistos na primeira e segunda fase, (Enunciação e Solidificação).

Para o apogeu, onde “o gênero nasce”. “Seus elementos essenciais estão claramente enunciados e, pela repetição, inculcados na cabeça do público” (BAIANA, 2012, p.132), temos como exemplo duas produções: *A Cor Púrpura* (SPIELBERG, EUA/1985) e *Tempo de Glória* (ZWICK, EUA/1989). Na primeira película pode-se observar que não se trata de representar a escravidão como o sistema que perdurou até

1865. A história é, na verdade uma das heranças da escravidão, pois mostra o poder exercido sobre as mulheres negras americanas, em meados de 1909 estas carregam em si a marca da submissão aos seus senhores. Abolida a escravidão, essas mulheres continuam sendo dominadas. É o que acontece com Celie, personagem central da trama. Mulher, negra e pobre, vive a mercê de uma sociedade machista, que está legalmente sem escravidão, mas não garante direitos civis à população negra. Este é uma das mais marcantes produções de Spielberg tratando das questões raciais nos Estados Unidos.

Em *Tempo de Glória* o escravo já aparece como personagem de mais destaque. Pois se remonta a formação do primeiro exercito formado por afrodescendentes para lutar em defesa da pátria americana que ocorreu em 1862. Na produção foram mostradas as dificuldades que o jovem capital Robert Shaw tem em organizar um exercito de negros. Os ex-escravos não tinham a mínima noção de como lidar com armas e com a rotina de um batalhão. As dificuldades não param por aí, pouco é investido em um exercito formado por homens negros, mesmo assim o exercito consegue se erguer e vencer batalhas. Essa trama foi baseada nas cartas do comandante Shaw à família, que realmente existiram.

A trama é mais uma vez, a representação da Guerra Civil, dessa vez a produção se volta para os campos de batalhas e para os exércitos. Desse modo é possível pensar na constante associação dos escravos americanos à guerra, algo que caracteriza a repetição dos elementos a que Bahiana se refere. Podemos levar em consideração que “a presença da escravidão nos estados do sul foi o elemento fundamental para a eclosão da guerra” (IZECKSOHN, 2003, p. 47). A guerra é vista também em *Nascimento de uma nação* e em *E o vento levou*, a diferença é que na película de Zwick, o escravo não é somente uma pequena parte integrante da sociedade americana (como foi observado nas duas produções das duas primeiras fases), os escravos ganham mais falas e ações na trama.

Em fórmula onde o “gênero enrijece, fica engessado. A repetição supera a possibilidade de renovação, não há mais espaço para a criatividade” (BAHIANA, 2012, p.132). Nessa fase podemos colocar *Amistad* (SPIELBERG, EUA/1997) e *Lincoln*<sup>5</sup> (SPIELBERG, EUA/2012). No longa *Amistad*, vamos ter a revolta de um grupo de escravos transportados em um navio espanhol em 1839<sup>6</sup>, que chega no continente norte-americano. O filme é iniciando por uma cena revelando a ação dos escravos que

---

<sup>5</sup> O filme foi baseado, em parte, na biografia de Doris Kearns Goodwin, *Team of Rivals: The Political Genius of Abraham Lincoln*.

<sup>6</sup> Período, em que as terras sulinas ainda dependem do trabalho escravo para a agricultura.

desejam liberdade, um negro tenta remover os pregos da superfície que lhe prende e assim, libertar-se. Liberto, vai livrar os companheiros africanos. Foi necessário matar quase toda a tripulação branca que os acompanhava. Depois fogem com o desejo de voltar a terra África, mas são presos pela marinha americana. A partir daí a trama toma todo o seu caráter de drama histórico, pois a situação que envolve escravos africanos, a justiça americana e um navio espanhol, ganha proporções de um problema político e diplomático. A história é baseada em fatos reais.

Em *Lincoln* a apresentação da Guerra Civil como fator diretamente relacionado à escravidão é mais uma vez tido. A abordagem agora se coloca nas medidas, que o então presidente Abram Lincoln, toma para que a escravidão seja definitivamente extinta do território americano. Essa extinção seria também um fator decisivo para o fim da guerra.

O personagem principal não é um escravo, os escravos aparecem em raras cenas, mas toda a premissa é sobre eles. O protagonista, o presidente americano que é bastante lembrado e aclamado pela história, é tido como um herói, um homem articulador que até por meios ilícitos luta para aprovar na Câmara dos Deputados dos Estados Unidos uma emenda à Constituição dos Estados Unidos. A 13ª Emenda Constitucional, como ficou conhecida, garantiria a liberdades dos cativos.

Sobre a questão da repetição, é notório que três das produções aqui mencionadas e analisadas são do diretor Steven Spielberg, “um cineasta identificado com os mitos historiográficos americanos” (NAPOLITANO *apud* MORETIN, 2011, p.203). Nesse momento da vida do subgênero, que é a fórmula, não é mais algo novo para o público, produções sobre negros na escravidão. Ao mesmo tempo em que se torna algo comum no meio cinematográfico, também pode ser um caminho para as futuras produções, onde o tema será o mesmo, mas as abordagens podem ser outras. É hora dos diretores inovarem.

Podemos dizer, que é notória a necessidade de algo novo, esse algo novo pode ser visto em *12 Anos de Escravidão* (MCQUEEN, EUA, 2013) que surge para o público como um filme que veio para “dar o que falar”. Esta película está na fase da dissolução/desconstrução/crítica.

*12 Anos de Escravidão* é uma produção americana baseada numa história real. A trama foi primeiramente registrada em livro biográfico publicado em 1853 intitulado *12 Years a Slave*. Na trama, o negro livre Solomon Northup vivia em Saratoga, sul dos Estados Unidos onde levava uma vida tranquila como violinista, até que recebe uma proposta para realizar apresentações fora de sua cidade. Ele é enganado e vendido como

escravo na região de Louisiana. No decorrer dos seus anos de escravidão, o personagem principal passa a levar uma vida de sofrimento decorrente da escravidão que antes desconhecia, por ter nascido livre.

Segundo Ana Maria Bahiana,

Quando os elementos estão claros o suficiente e já passaram da fase do clichê, está na hora de um bom polimento por atrito. Cada signo é olhado tão de perto que revela todas as suas minúcias e falhas, abrindo a possibilidade para uma cuidadosa evisceração. (BAHIANA, 2012, p. 133)

Com a bagagem que o cinema já possui tratando a escravidão americana, seria necessário observar quais elementos estão evidentemente claros e estabelecer novos caminhos. Sendo assim *12 Anos* vem a ser uma produção voltada muito mais para a injustiça e o horror que a escravidão pode ser para um ser humano, do que mostrar o período escravista da sociedade norte americana. Isso se evidencia por não retratar a Guerra Civil. Temos o tráfico de escravos, período do fim da escravidão nos estados ainda escravistas do Sul, mas nada que coloque a guerra como assunto no filme. O “clichê ” que é a guerra civil não tem mais espaço. Agora o ser humano escravo está no protagonismo.

Antes mesmo de *12 Anos* ser lançado, temos *Django Livre* (TARANTINO, EUA/2012) que se aloca na fase da retomada/hibridização/sátira.

(...) uma vez limpo de suas cascas mais pesadas, o gênero está pronto para um renascimento. O processo crítico frequentemente traz novos elementos para seu glossário (...) e a quebra do respeito possibilita tanto a sátira rasgada (...) como o metafilme que, ao expor os clichês conhecidos, propõe novas soluções para eles. (BAHIANA, 2012, p. 133)

*Djang Livre* representa uma quebra de estilo e na forma como a escravidão aparece no cinema, carregada de novos elementos não observados antes, o filme estabelece um recomeço para o gênero. Trata-se agora de um período antecedente a Guerra Civil americana, dois anos antes do conflito que resultou, também, na mudança de vida do escravo americano. Django, um cativo comum é carregado por um comerciante de escravos, quando aparece uma figura chamada Dr. King Schultz, um dentista que atua como caçador de recompensas. Ele procura Django, pois servirá de grande ajuda em uma busca por criminosos que está fazendo. Á partir daí o filme revela todo seu estilo: sangue e ironia.

O filme é do gênero *western*, este gênero aparece em diversas produções americanas sendo de fundamental importância para o cinema. Este gênero, também pode ser considerado um drama:

O western é essencialmente um drama — sua paisagem física e sociopolítica é que lhe dá os contornos finais, a devida coloração. Por se passarem em paisagens belas mas inóspitas, de possibilidades, perigos e desafios constantes, onde estruturas sociais ainda não estão plenamente construídas, o “drama do oeste”, ou western, é um dos gêneros mais profundamente morais do cinema: seu tema essencial é o livre-arbítrio, a escolha entre bem e mal, entre o que é certo e errado (BAHIANA, 2012, p.135).

Django sendo um filme de *western* apresenta elementos do drama, portanto esse se trata de um “drama do oeste” como explica Bahiana. As cenas de tiro, típicas em filmes desse gênero permeiam todo o filme, do princípio ao fim, acompanhada claramente de um conflito de consciência do personagem principal, que vai evoluindo na história de um cativo comum para um matador. Sua ação de matar quem vê, está diretamente ligada a uma questão de sua vida, a morte por vingança. Essa inconstância que o personagem principal apresenta revela mais uma vez a presença do drama.

A “sátira rasgada” que a autora coloca, pode ser entendida em *Django Livre* ao observamos algumas peculiaridades nas cenas. Como exemplo: adaptar astúcia e esperteza a situações críticas de um drama, como as várias passagens do filme onde há violentos confrontos. Os personagens de mais relevância (Django e o Dr. King Schultz) usam de ironia e astúcia para ultrapassar barreiras. Está claro que o gênero drama sobre escravidão estadunidense assume uma maneira diferente de ver a situação da escravidão, pois não carrega os aspectos mais comuns, tais como a Guerra Civil, a questão da liberdade dos escravos. As tramas são mais abertas, focando além da questão da escravidão.

### **Considerações finais**

Em vista ao exposto, é necessário salientar que o cinema americano tem muito em representações do período escravista dos EUA. Pensar isso em um estudo de gênero traz discussões diversas, nesse trabalho procurou-se salientar as fases que Ana Maria Bahiana elencou como marcantes no ciclo de vida do subgênero drama histórico/épico.

Reverendo toda a trajetória do subgênero drama histórico épico sobre escravidão estadunidense, foi percebido o quanto os subgêneros podem ser maleáveis, de modo a agregar características de outros. Como é o caso dos dramas de guerras que não deixam de ser dramas históricos, visto que os filmes aqui analisados tratam em sua grande parte da Guerra de Secessão e retratam imagens dela pondo a mostra a guerra em um contexto histórico. *Django Livre*, como visto, torna-se um caso especial por ser uma película *western*, mas que pode ser, essencialmente um drama histórico, levando-se em

consideração a autora á qual se dialoga nesse trabalho, Ana Maria Bahiana. Portanto, essa capacidade de agregação dos gêneros é um referencial para entendermos o ciclo de vida do subgênero em estudo. O ciclo nós é percebido facilmente. Vamos nos dando conta da história que o subgênero tem.

Desde o primeiro longa até o mais atual, vemos que a escravidão é retratada de maneira diversa. Começamos com *O Nascimento de uma nação*, em 1915 que inaugura a vida do subgênero drama histórico épico sobre escravidão estadunidense, e terminamos com duas produções bem diferentes: *12 Anos de Escravidão* e *Django Livre*. O caminho foi longo e nos parece que muita coisa mudou, porém ao termos consciência de que o gênero é mutável, “tudo o que foi clássico vinte anos atrás, pode ser novidade de novo, resgatado e reinterpretado por um novo olhar.” (BAHIANA, 2012, p.131).

### **Referencias bibliográficas**

BAHIANA, Ana Maria. **Como ver um filme**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2012.

IZECKSOHN, Victor. **Escravidão, federalismo e democracia**: a luta pelo controle do Estado nacional norte-americano antes da Secessão. Topoi, Rio de Janeiro, pp. 47-81, mar. 2003.

MORETTIN, Eduardo. **‘Ver o que aconteceu’: Cinema e História em Griffith e Spielberg**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 22, p. 196-207, dez. 2011.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema II – Gêneros Cinematográficos**. Covilhã, 2010.